

APRESENTAÇÃO

É com muito prazer que lançamos este segundo número de *Tradução em Revista*, para o qual colaboraram oito autores, todos eles de algum modo relacionados à nossa área de Tradução na PUC do Rio – alunas da especialização e do mestrado; companheiros em congressos realizados aqui e no exterior; colegas desta e de outras instituições que participaram de algumas iniciativas nossas.

O tema deste número é *Intervenções*: diferentes formas de se intervir em um texto durante o processo de sua tradução. Nestes tempos em que pelo menos entre nós, estudiosos da área, já não mais impera a crença em suposta neutralidade da operação tradutória, cabe sempre investigarmos por que motivos, de que maneiras e através de que agentes podem se dar essas inevitáveis (mas não quaisquer) intervenções.

Cada um dos trabalhos aborda o tema sob um ângulo específico. Lauro Amorim, a partir da análise comparativa de diferentes traduções, adaptações e traduções-adaptações dos romances *Kim* e *Alice's adventures in Wonderland*, apresenta o quadro de “confusão” que há, entre editoras e tradutores brasileiros, relativamente àqueles conceitos: ao contrário do que esperaríamos, os textos vendidos como traduções por vezes revelam um grau consideravelmente maior de intervenção no original do que aqueles que são anunciados como adaptações. Flávia Anderson reflete sobre as reações dos tradutores face às intervenções que os copidesques operam em seus textos – será que exigimos destes uma neutralidade que afirmamos impossível no nosso caso? Ivone Benedetti, ao sugerir uma crítica de traduções de melhor qualidade, traz conceitos de Umberto Eco que propõem um limite entre o que seria uma “interpretação semântica” e uma “interpretação crítica”, isto é, um limite justamente entre a ausência e a presença de intervenção por parte do intérprete. Pina Coco nos traz uma série de curiosidades a respeito da imprensa carioca no século dezanove, entre elas as drásticas intervenções feitas por tradutores de romances-folhetins para que fosse preservada a pureza das “amáveis leitoras”. O texto de Carmen Dayrell, que faz uma apresentação dos estudos de tradução com

base em *corpora*, também vincula-se ao tema da intervenção, ainda que de forma menos óbvia – afinal, toda e qualquer metodologia de pesquisa necessariamente intervém na constituição do objeto focado. Já no trabalho de Adriana Rieche, os agentes das intervenções tradutórias são os programas de memória de tradução, os quais, como enfatiza a autora, requerem manutenção e revisão para que possam de fato intervir positivamente, sem risco de se tornarem empecilhos para o tradutor. Daniel Silva, por sua vez, aborda o tema da intervenção no âmbito da tradução de textos teóricos, em particular da tradução brasileira de *How to do things with words* de John L. Austin, procurando demonstrar como ela participa de “um movimento de (re)construção da teoria dos atos de fala”. Ben Van Wyke desconstrói a metáfora do corpo e da roupa, usada no discurso que prega a possibilidade de se traduzir sem intervir, ou seja, que crê na idéia de que traduzir consiste em desnudar o significado-corpo de um texto tirando as suas roupas-palavras originais e trocando-as por um novo traje lingüístico.

Feita essa breve apresentação, só nos resta agradecer aos autores e convidar os leitores a desfrutarem de suas reflexões.

Maria Paula Frota e Marcia A. P. Martins
Rio de Janeiro, novembro de 2005